

# XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



## CÍRCULOS DE CULTURA INDÍGENA: UM OUTRO MODO DE VER E OUVIR A CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Roberta de Fátima Ferreira  
Elisete Regina Groff

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Eixo Temático 01 - Poéticas, interculturalidade, infâncias e Educação

### INTRODUÇÃO

Este resumo foi desenvolvido sobre um projeto que é um convite a ressignificar a Educação a partir do conhecimento ancestral dos povos originários, por meio de uma experiência concreta de Educação Intercultural, na Educação básica voltada para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal e pública. Esse projeto vai para muito além da obrigatoriedade da Lei nº 11.645/2008, que legisla sobre o estudo da cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. O projeto da metodologia dos “Círculos de Cultura Indígena” nasceu do desejo do corpo docente da EMEF. Maurício Cardoso, localizada na comunidade de Linha Pinhal, interior do município de Herveiras/RS, a fim de aprofundar e transformar suas práticas pedagógicas de maneira significativa e despida de estereótipos criando formas de efetivar a lei, reconhecendo maneiras e caminhos que a escola pode trilhar para o encontro com as culturas indígenas e a diversidade cultural.

A ideia é ir além da sala de aula, ensinando e aprendendo com o corpo, a mente e o coração. Essa jornada de dois anos teve como ponto de partida o contato com o grupo de pesquisa da Unisc- Peabiru, na pessoa da professora Dr<sup>a</sup>. Ana Luísa Teixeira de Menezes, que desenvolvem um projeto de extensão: “Aprendizagens Interculturais com os Guarani e Kaingang na Educação Básica”. Uma das experiências vivenciadas pelo grupo de docentes da escola foi uma imersão na Aldeia Guarani de Barra do Ribeiro/RS, que proporcionou reflexões profundas aos professores. A experiência inicial foi socializada com os estudantes do Ensino Fundamental dos Anos Finais, despertando a curiosidade e o desejo de saber mais.

Com objetivos de aprofundar o conhecimento sobre a cultura indígena de forma prática e intercultural; promover um novo modo de ensinar e aprender, integrando corpo, mente e coração; estimular a empatia, o respeito e a valorização dos povos originários; criar um espaço físico e simbólico na escola que celebre a conexão com a natureza; produzir um material impresso que documente e compartilhe as experiências e aprendizados do projeto; fomentar o diálogo e a compreensão de diferentes cosmovisões.

## DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

A educação contemporânea enfrenta os reflexos de uma crise social e existencial marcada pela desconexão humana e pela perda de sentido coletivo. Esse cenário desafia os educadores a repensarem suas práticas, buscando caminhos que promovam o reencontro com o valor da vida, da experiência e da convivência. Como destaca Krenak (2019), “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma tolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, dançar, de cantar [...]. Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.” Nesse sentido, a fala do autor convida a educação a recuperar o poder das narrativas e das relações humanas como práticas de resistência, reafirmando o papel da escola como espaço de sentido, partilha e reconstrução da humanidade.

## METODOLOGIA

O projeto foi construído em parceria com o grupo de pesquisa PEABIRU, mentorado pela professora Ana Luiza Teixeira de Menezes. A metodologia consistiu em uma série de vivências e encontros, que incluíram: Visita inicial a uma aldeia Guarani em Barra do Ribeiro/RS; compartilhamento da experiência com os alunos; cinco encontros usando a metodologia dos Círculos de Cultura na escola. Cada encontro do grupo de pesquisa com o grupo de docentes e discentes nesta instituição de ensino, focou em uma área de conhecimento indígena: Alegria na aldeia (dança e pintura): explorando as narrativas Kaingang de Kamé e Kairu (sol e lua); a voz do barro: trabalho com argila e instrumentos musicais indígenas; contação de histórias e pesquisa sobre os intelectuais indígenas: rodas de conversa e narrativas indígenas; jogos de tabuleiro e de cartas: atividades lúdicas para aprender sobre a cultura indígena; festa do chá e roda de apresentações sobre os intelectuais indígenas: realizado em um espaço ao ar livre criado pela escola, com fogueira e chá.

Para a avaliação dos encontros contou-se com a ilustre presença da professora Ruth Cavalcante, criadora da Educação Biocêntrica, que visitou a escola, conheceu o projeto, compartilhando sua experiência e vasta sabedoria, enriquecendo nosso processo de aprendizagem e oferecendo novas perspectivas para o desenvolvimento contínuo do projeto. Após a realização destes encontros foram compilados os registros dessa linda jornada, que se desenvolveu com beleza, curiosidade, leveza e disciplina acadêmica, em forma de relatos, fotos e materiais que documentam esta esplendorosa experiência que não pode restringir-se apenas a esta instituição de ensino, mas que almejou compartilhar e multiplicar esta vivência através de um livro. Assim sendo, pode-se constatar que os estudantes desenvolveram uma nova percepção sobre a cultura dos povos originários, substituindo estereótipos por empatia e respeito. A escola inaugurou um espaço de encontro, em meio a natureza, em forma de círculo, com fogo ao centro, para atividades ao ar livre. Agora batizado pelos estudantes de Bosque dos Sonhos.

## RESULTADOS DA PESQUISA

O projeto resultou no livro "Círculos de Cultura Indígena – Um outro modo de ver e ouvir a cultura dos povos originários", uma obra colaborativa de professores e estudantes. Foi possível observar que os estudantes passaram a ter outros sentimentos sobre a cultura dos povos originários. Jung salienta que "as tarefas vão além, consistem em influir sobre as crianças, jovens e adultos, em favor de sua personalidade total" (JUNG, 2006). Vivenciar essas experiências sobre a cultura dos povos originários fomentou a bagagem intelectual dos jovens e adultos desse educandário. Esse projeto que envolveu estudantes e professores em uma jornada de descobertas e reflexões sobre o barro, a mata, a palavra, os rituais, o afeto e outros aspectos dessa sabedoria dos povos originários apresentados pelos mestres e doutores da universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) do Grupo de pesquisa PEABIRU.

Buscar e oportunizar aos professores estudantes propostas metodológicas contemporâneas foi fundamental para o grupo escolar da EMEF Maurício Cardoso, pois elas são capazes de propiciar a reflexão, a compreensão de si e do outro e, acima de tudo, preparar o indivíduo para socializar com a cultura indígena para viver em uma sociedade com diferentes culturas. Como nos ensinou Nego Bispo isso se chama confluência, que sua visão, a que mais deu frutos foi o confluenciar, assim expressa: é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente, a gente rende.

A confluência é uma força que rende, que aumenta (Santos, 2020). Esse projeto vem favorecendo o aprendizado mútuo em que docentes e estudantes dialogam e constroem juntos os caminhos de cosmovisões e tecem o pertencimento à natureza em uma iniciativa de educar sobre a crise climática preservando nosso ecossistema, protegendo o mundo em que vivemos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Indígena; Educação Biocêntrica; Círculo de Cultura; Vivências.

## REFERÊNCIAS:

FERREIRA, Roberta de Fátima. Menezes, Ana Luísa Teixeira de. **Círculo de culturas indígenas: um outro modo de ver e ouvir a cultura dos povos originários.** Porto Alegre: MM Edições, 2025.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis: Vozes, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A difícil arte da confluência.** Conferência realizada na Culturgest, Lisboa, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.culturgest.pt/pt/media/dificil-arte-da-confluencia/>.